


O Vento Veio e Falou Comigo

 10.64493/INV.22.8

Daniel Mira
Universidade de Brasília

artigo recebido: 9.03.2026
artigo aceite para publicação: 4.05.2026

This work is licenced under a [Creative Commons BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Mira, D. (2026). O Vento Veio e Falou Comigo. Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes. <https://doi.org/10.64493/INV.22.8>

...se achamos algo que nos faça sair,
são bons Ventos.

Que espaços nos habitam?
Que rio nos corre?
Que fenômeno me corta,
sou árvore ou madeira?
As vezes sinto que sou seiva,
mas quando o azul me toma, me torno linha,
solto pelos rios, guiado pelos ventos.

Foi num desses contornos de vento
que me encontrei, com historias
de anciãos da Floresta; sobre as margens
do Rio Tapajós que desenhavam linhas em
noites a remo, nesse momento eu, ponto
implulsionado virei linha e rio.

Me lembro, que no contorno dessa história,
muita visão me inundou. A imensidão daquele
mar de animismo me atravessou, numa rajada
de água meus olhos aguados, não viam mais
coisas. Agora eram seres, com umidade,
textura, história e revelação.
Eu os escutavam e eles falavam comigo...

Tive que me esvaziar, me encher de silêncio,
dos ventos que a vida ia me dar. Não fui peixe,
nem planta, fui gente de alma, em tempo de
estar.

Quem me acordou?
Preciso partir...

A floresta, o território, seus seres e pessoas,
expressam a dimensão fenomenológica do
aprendizado, à arte e natureza como
experiência. Não foram mais conteúdo, mas um
esvaziamento das coisas, das teorias, onde o
aprender era o sentir.

Uma dimensão do saber que esta na poiésis, a
lógica de lugar ao presente futuro.

Eu e Tu.
Por que agora me temes?
Ainda não sou tempo, eu nem nasci nem morri,
mas percorro a vida com o vento.
A que ter o tempo percorrido no coração.
E se eu te olhar novamente,
bem nos olhos, vou te ver
e você vai se desprender.
Nunca quis ser imortal, mas preciso mais de
você. Quero viajar até você, marcar encontros
no fim de tarde pra nunca mais te esquecer.


Não sou mais turista, nem colonizador, muito
menos explorador, agora vou seguir sendo
"viajador". Descer como ponto as linhas dos rios.
Escorrer nas mares, que vem e que vão, ser
mutação nas areias pretas das tuas margens.

Por enquanto tudo isso basta; e quando acabar
é porque fui embora e não porque você parou.

E de tudo mais que agora eu sei,
vejo em mim e em você.
Nada mais é coisa, galho, madeira ou árvore.
Agora que te vi, sei que está aí, bem perto
de mim, não estou só, com você.
Só posso te ver porque agora és Tu.
Eu e você...

Deixa O Vento Falar Contigo, ressoa em tua
alma esse (com) viver. E o que for natural, que
se torne Natureza.

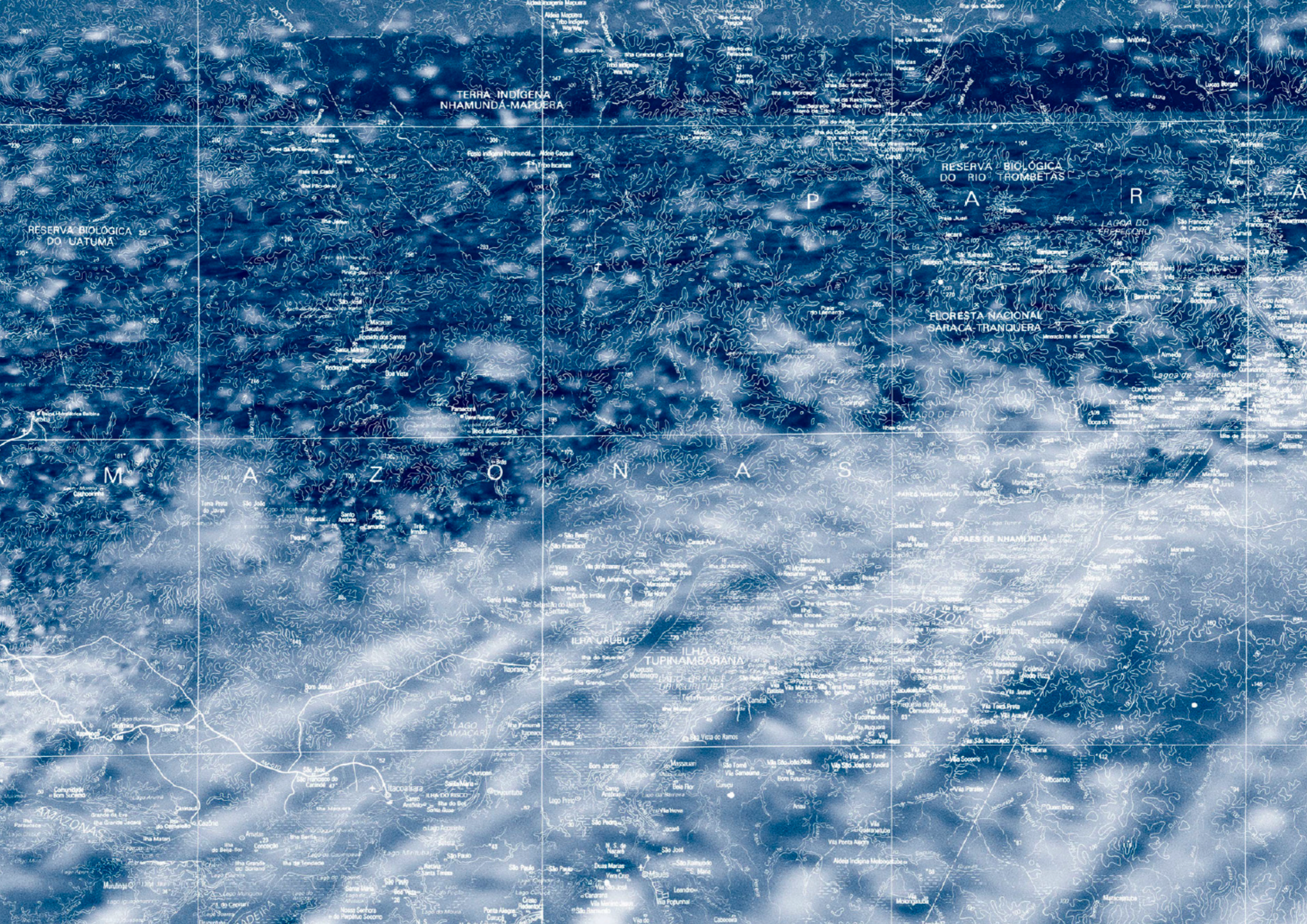
A cultura e seu cultivo, na floresta se nutre
da autopoiesis da vida; nos eduzimos
(educamos) por brotação e a arte já não é mais
grafia, relato ou formas de expressão, mas uma
imaginação em outra dimensão.

A wavy, dark blue line, resembling a stylized river or path, flows horizontally across the frame. The background is a textured, light blue surface with some white speckles and a faint white horizontal line near the bottom. Three white text labels are placed along the line: 'quando' on the left, 'o ponto' in the middle, and 'virou rio' on the right.

quando

o ponto

virou rio



TERRA INDÍGENA
NHAMUNDÁ-MAPUERA

RESERVA BIOLÓGICA
DO RIO TROMBETAS

RESERVA BIOLÓGICA
DO UATUMA

FLORESTA NACIONAL
SARACÁ-TRANQUEIRA

M

A

Z

O

N

A

S

ILHA URUBU

ILHA TUPINAMBARANA

LAGO CAMACARI

APAES DE NHAMUNDÁ

AMAZONAS

PARÁ

AMAZONAS

AMAZONAS

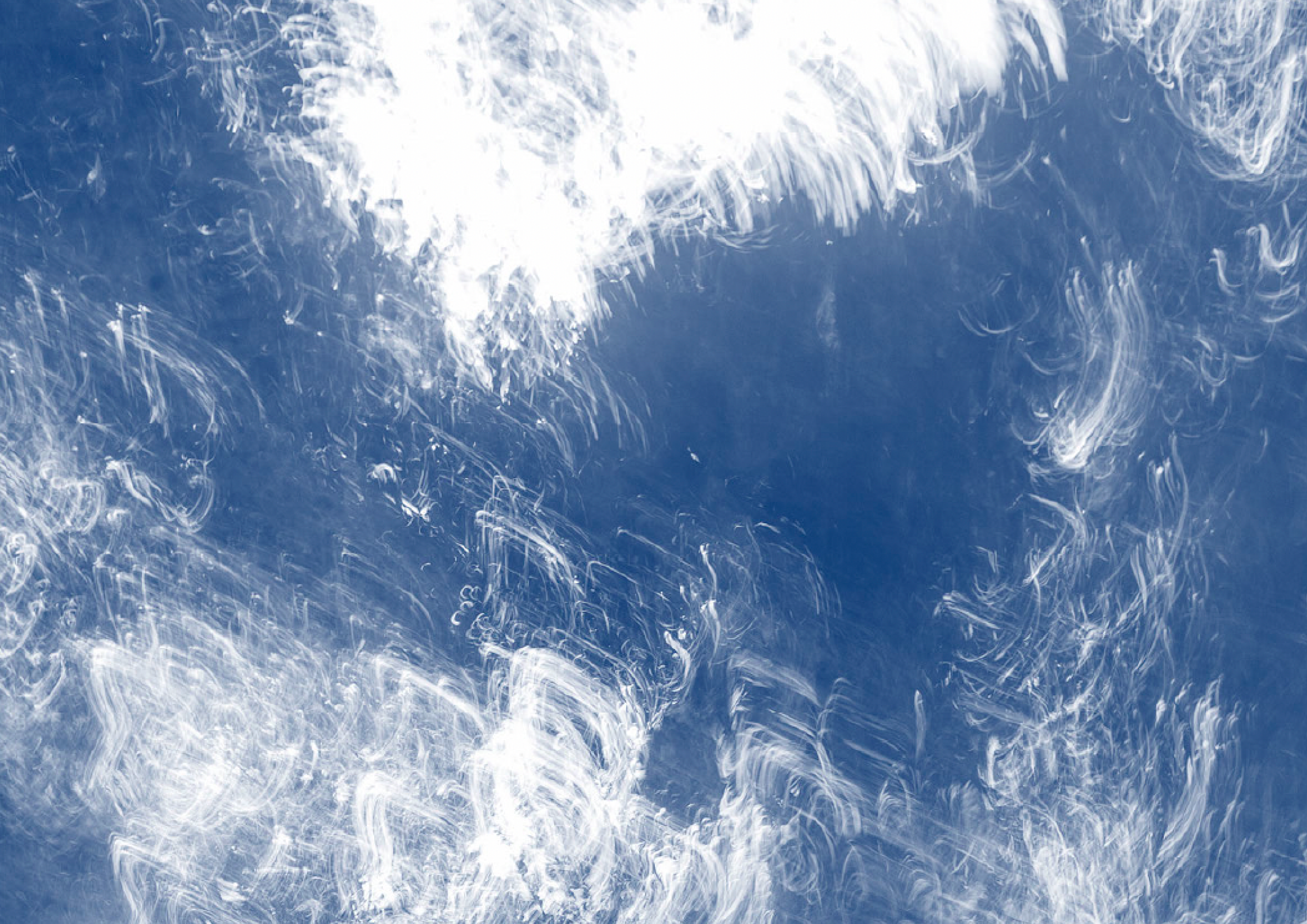
AMAZONAS













quando o ponto virou rio

Para estruturação da minha pesquisa artística escolhi as metodologias fenomenológicas de Goethe que abordam os passos de observação, contemplação e intuição. Nessa perspectiva as imagens se tornaram conexões diretas com o lugar, num apoio contemplativo onde a memória e a plasticidade formal dos fenômenos ancoraram as reflexões intuitivas do imaginário artístico.

O ensaio fotográfico, fez parte da estruturação de uma pesquisa de mestrado no projeto VISUALIDADES DA AMAZÔNIA, coordenado pela prof. Dra Célia Matsunaga.

Cada uma dessas imagens representa momentos de transformação desse pesquisador que posteriormente se transformaram em aberturas de capítulos do livro O VENTO VEIO E FALOU COMIGO.

Daniel Mira

**PARÁ | Alter do Chão,
FLONA TAPAJÓS**